

CARTOGRAFIA QUEER NOS QUADRINHOS BRASILEIROS DE TOMÁS, LAERTE E ADÃO ITURRUSGARAI

Moisés de Figueiredo Guimarães
Mestre em Educação pela Universidad de Jaén /ES
Graduando em Economia Universidade Anhembi-Morumbi
moiguibr@yahoo.com.br

*Simpósio Temático nº 05 – ARTE, PROCESSOS DE CRIAÇÃO E DIVERSIDADE DE
GÊNERO*

RESUMO

Este artigo pretende analisar a cartografia queer presente nos quadrinhos de três cartunistas brasileiros: Tomás, Laerte e Adão Iturrusgarai a partir das seguintes personagens Bebê T, Muchacha e Rocky e Hudson, respectivamente. Irá avaliar ainda em que medida a questão da sexualidade é tratada nessas narrativas e como esses autores selecionam os enredos para jogar luz a temas tabus como travestilidade/transsexualidade na infância – um tema bastante caro ainda no que tange as discussões de identidade de gênero -; o processo de transformação hormonal e sua inscrição nas personagens da cartunista trans Laerte e a desconstrução do conceito de masculinidade presente no country-cartoon de Adão Iturrusgarai, criando assim uma cartografia queer brasileira que vai além do cor de rosa choque. Para o proposto, consideramos de suma importância pensar que dispositivos essas personagens condensam a partir da semiologia de Roland Barthes, bem como numa heterotopia do *caos*, Foucault, numa tentativa de se deslocar do platô como ocupação de espaço em condições não hegemônicas inclusive no campo editorial.

Palavras-chave: cartografia queer; quadrinhos; semiologia; heterotopia; sexualidade

ABSTRAT

This article intends to analyze the queer cartography present in the comics of three Brazilian cartoonists: Tomás, Laerte and Adão Iturrusgarai from the following characters Baby T, Muchacha and Rocky and Hudson, respectively. It will also assess the extent to which the issue of sexuality is addressed in these narratives and how these authors select the plots to shed light on taboo themes such as transvestility/transsexuality in childhood – a very expensive topic even when it comes to gender identity discussions -; the process of hormonal transformation and its inscription in the characters of the trans cartoonist Laerte and the deconstruction of the concept of masculinity present in Adão Iturrusgarai's country-cartoon, thus creating a queer Brazilian cartography that goes beyond hot pink. For the purpose, we consider it extremely important to think that devices these characters condense from the semiology of Roland Barthes, as well as a heterotopia of chaos,

Foucault, in an attempt to move from the plateau as an occupation of space in non-hegemonic conditions, including in the editorial field .

Keywords: queer cartography; comics; semiology; heterotopy; sexuality.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o Brasil se destaca no mundo no campo das artes. Artistas como Os Gêmeos e Carlos Saldanha, ambos ilustradores, fizeram o mundo conhecer suas obras, seja através do grafismo em castelo na Escócia¹ ou ilustrando para a FOX a arara Blue, tornando-se assim um cartão-postal dos brasileiros no mundo².

Mais ilustradores brasileiros nos propõem outros olhares a partir de suas personagens e narrativas que saem semanalmente em grandes veículos de informação no país. Dentre eles, destaca-se o trabalho da cartunista Laerte que afamou-se com a série *Piratas do Tietê* lançada ainda na década de 80³ e de Adão Iturrugarai que criou na década de 90 a personagem *Aline*⁴ que vive um relacionamento amoroso a três.

Já o jovem ilustrador Tomás que se destaca no circuito alternativo de cartonistas consagra-se no meio LGBTIA+ na década de 2000 com sua série *Pássaros Rebeldes*⁵ criada para o blog de mesmo nome.

O estudo propõe, portanto, um recorte cartográfico, desejando assim debruçar um pouco mais de como esses ilustradores conduzem suas histórias para falar de temas ainda tão caros – para não dizer discriminados – para nossa sociedade. Para um país que mais mata transexuais e travestis no mundo, ter uma personagem em quadrinhos tratando sobre identidade de gênero de maneira leve e bastante instigante – por tratar do tema de identidade de gênero na primeira infância – como a que Tomás propôs com *Bebê T*, parece

¹ Vide em <https://catracalivre.com.br/criatividade/os-gemeos-grafitam-castelo-na-escocia/>

² Carlos Saldanha em <https://www. hojeemdia.com.br/plural/diretor-de-a-era-do-gelo-e-rio-carlos-saldanha-p%C3%B5e-seu-nome-na-hist%C3%B3ria-da-anima%C3%A7%C3%A3o-1.650218>

³ A primeira aparição dos *Piratas do Tietê* ocorreu em 1983, em uma edição da revista *Chiclete com Banana* da *Circo Editorial*. Os personagens viriam a ser presença constante na revista, e também na revista *Circo*. Logo, a popularidade deles serviria para que Laerte tivesse sua publicação: *Piratas do Tietê*, cuja primeira edição foi lançada em maio de 1990. No ano seguinte, a *Folha de S. Paulo* começou a publicar a tira dos *Piratas do Tietê*. Através da revista e da tira, outros personagens de Laerte foram sendo lançados.

⁴ Criada em 1993 e publicada na *Folha de São Paulo* três anos depois. Sua personagem Aline destaca-se por abordar temas como *feminilidade* e *liberação sexual* através do humor.

⁵ Tomás mantém um blog chamado *Pássaros Rebeldes* (vide <https://passarosrebeldes.wordpress.com/>) que possui uma série de personagens gays, dentre os quais: o pássaro L'amour, Cupidão, Bebê T, Gaydar, Assumidos, dentre outros.

não ser somente um ato-político⁶ como a vanguarda, no que tange a pensar em outra perspectiva, sair das franjas e ocupar espaços, territórios, numa direção de uma heterotopia de crise na qual Foucault propõe ao debate de lugares que são dispostos a quem vive nas margens cujo comportamento desviante irrompe à norma exigida.

Ocupa-se nesse trabalho pensar a partir de alguns pressupostos na Revisão da Literatura: (1) debruçar sobre o tema à luz da semiologia de Roland Barthes e (2) transpor e dialogar com Michel Foucault no que tange a heterotopia de desvio. Sustentada essas bases, discorreremos sobre as intercessões que essas personagens atravessam com o Brasil das últimas décadas.

O presente trabalho tem como objetivo geral relacionar os quadrinhos *Bebê T* de Tomás, *Rocky e Hudson* de Adão Iturrusgarai e *Muchacha* de Laerte a uma cartografia queer brasileira. Para fazer essa análise, foi utilizada a pesquisa bibliográfica partindo de alguns pressupostos no campo da linguagem verbal e não verbal – tratando de um recurso narrativo para condução das histórias e, de alguma forma, uma crítica social do Brasil dos últimos 20 anos.

DESENVOLVIMENTO

A arte em quadrinhos é uma arte bem popularizada no mundo, e não seria diferente no Brasil. Ao propormos avaliar uma cartografia queer em quadrinhos brasileiros, debruçaremos na ideia de que esses trabalhos tiveram/têm sim uma relevância na difusão de personagens LGBTQIA+ numa sociedade tão diversa e plural na qual vivemos. Em tempos de uma gestão federal de completo retrocesso e negacionismo no que tange aos avanços que a comunidade queer alcançou no Brasil de 2021, se faz necessária rever nossa história e jogar luz a esses trabalhos que de alguma forma subvertem essa topografia heteronormativa que impõe controle do comportamento humano e respectivamente, de seus desejos (sexualidade).

Numa sociedade como a nossa em que mais mata travestis e transexuais no mundo, segundo relatório da *Trans Murder Monitoring* (vide: *Exame* - 19/11/2020) qualquer tipo de ação que visibiliza as lutas da comunidade LGBTQIA+ no Brasil é, sem dúvidas, uma forma de resistência. Nessa direção, por ser um veículo de entretenimento

⁶ Pensando aqui em corpo-político (corpo-potência), territórios e poder (Foucault).

popular, os cartoons (quadrinhos) que saem semanalmente em grandes mídias (seja jornais impressos e site/blogs) promovem indiretamente um outro olhar (ou não) sobre o tema, sobretudo porque a construção dessas personagens têm valor simbólico e seus significantes traduzem o quanto ainda falar sobre é urgente.

Dito isso, apontamos aqui a primeira personagem bebê com identidade de gênero trans. Essa personagem nasce de uma série de tirinhas do cartunista Tomás em seu blog “Pássaros Rebeldes”.

1.1 *Bebê T* de Tomás

O Bebê Travesti de Tomás criado e veiculado no Blog Pássaros Rebeldes é a primeira personagem brasileira que trata de transexualidade na infância. A subversão ocorre ao propor um tema caro ainda no campo da promoção da identidade de gênero no país.

Algumas questões que promovem a pesquisa:

- 1) Teriam as tirinhas de **Bebê T** de Tomás a intenção de criar uma outra “história” (na percepção da massa) sobre identidade de gênero como algo natural?
- 2) Os cartoons da série **Bebê T** conduzem a um único significante? Provocação e ruptura com os processos que abarcam aos estigmas dessa categoria (LGBTQIA+)?
- 3) **Bebê T** rompe com a naturalização das coisas? Menino veste azul e menina rosa?

Foucault vai nos dizer que “em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. O teatro, que é uma heterotopia, perfaz no retângulo da cena toda uma série de lugares estranhos”. (p.24). É essa representação, portanto, que os quadrinhos ocupam, no qual condensam as narrativas num jogo de linguagem *verbal x não verbal*, num dualismo de componentes visuais e texto. E lá reside a Bebê T com seu bico na boca, seu “pagãozinho” – comum a ambos os gêneros – e seus poucos fios de cabelo. O recorte preciso do *visual-bebê* se contrastará com outros componentes pictóricos que o autor explorará ao trabalhar imagens sugestivas ao tema sexualidade que traçam suas histórias. Não por isso, Foucault extrai de componentes do cinema a justificativa cabal para refletir sobre espaços transpostos que são heterotópicos.

Se as heterotopias, como bem nos fala Foucault, são ligadas frequentemente a recortes singulares do tempo, podemos aqui associá-las a criação ativa e cartográfica de

Bebê T, no que tange sobretudo a dispor de uma narrativa que pode sim estar localizada num topos de confronto ao próprio sistema heteronormativo, mas sobretudo, se faz fluida, leve como deve ser ao se afirmar nesse mesmo lugar em que não se trata só da promoção de um novo olhar à diferença – a transexualidade na infância – mas sobretudo como lidamos com esse novo agente que surge na vida em busca de legitimação.

Se tomarmos aqui uma única imagem de uma tirinha de Bebê T em que a personagem se lambuzava com a papinha com o propósito de “se maquiara” e leva uma bronca do adulto (papai/ mãe ou responsável) punindo-a pela “melequeira”, Tomás encaminha o desfecho a uma certa conformação, na qual padecerá o bebê a sua escolha: “ah, todo mundo é crítico”, conclui. Esse lugar “incompatível” como vimos na heterotopia, poderia se valer nesse enredo em que a natureza das coisas estão postas e não podem ser cambiadas, dessa forma a “crítica” não passa só pela “baguncinha da criança” mas, sobretudo, pela manutenção do status quo. Bebê é bebê, menino é menino, menina é menina. Na mesma direção, antecede-nos o pensamento barthiniano em propor nessa mesma semiologia significantes na qual condutas são rotuláveis e em consequência, como extensão desses saberes, padeceriam nesse mesmo sistema, pessoas trans que furam essa bolha, esse *status quo* da heteronorma. Quiçá serem reconhecidas em sua identidade de gênero. Nesse *locus*, a cartografia de Tomás adentra outros campos no que tange a uma possível naturalização do comportamento em que você deixaria de ser estigmatizado pelo fato, por exemplo, de romper a norma. Comportamentos que são para meninos e não para meninas seriam jogados em terra ao defrontar esse *modus operandi* de que preza a ministra do atual governo no campo dos Direitos Humanos, Damara Alves, e a população que desconhece (se não desprezam) as multiplicidades de se expressar e identificar no mundo.

Podemos assim pensar que o quadrinista Tomás, ao propor um novo olhar a questão da identidade de gênero na infância, estivesse também jogando luz a um aspecto das consequências – não morais ou também – psíquicas nas quais desde cedo essas crianças estariam expostas. Não é a toa a conclusão da fala da Bebê T “todo mundo é crítico”, ela coaduna perfeitamente com a imposição social pela qual estão sujeitados todos que estão em “desvio” da heteronorma.

Ainda nesse contexto, poderíamos avançar um pouco mais nas discussões a que Foucault nomeará como heterotopias de desvio⁷, ou seja, lugares que a sociedade dispõe em suas margens, “nas paragens vazias que a rodeia, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida” (p. 22). Bebê T não sugere, ele é esse lugar desviante, ele suporta sua condenação premente, mas se faz visibilizar. Talvez esse seja uma das respostas possíveis que buscamos nesse trabalho, de identificar não somente a intencionalidade do criador na composição imagética de sua personagem-título, mas sobretudo, nos componentes que emergem dessas histórias.

1.2 *Muchacha* de Laerte

A história de *Muchacha* tem várias camadas que a torna um excelente material para análise, sobretudo no nível de suas substâncias⁸ (BARTHES, 2012). Há nela uma destreza narrativa composicional na qual, como veremos mais adiante, o papel de vilania se dá no platô de um signo semiológico no qual o disfarce do/da protagonista afeta outros componentes da trama ao ponto de – magistralmente – *confundir* o leitor no que é fato ou farsa. Nesse mesmo platô, traça-se uma heterotopia de crise, lugar de quem se transporta para um outro corpo e se assenta nele.

Laerte conduzirá *Muchacha* nessas camadas deslocando-se de outro platô que poderíamos aqui refletir no que tange ao próprio processo de transexualização do(a) criador(a). Não obstante, a complexidade de *Muchacha* que dá título ao livro joga luz a uma topografia de corpos que se travestem. Nessa perspectiva, consegue a autora (quadrinista) Laerte transpor no papel algo que parece ser o dilema de expor sua própria experiência no processo de criação onde a arte reside e o artista. Nesse atravessamento, pode-se suspeitar uma semiologia reflexiva na qual não só papéis de gênero são cambiáveis, mas sobretudo, instintos, desejos, taras.

Do gestual ao comportamento, *Muchacha* ou *Micaela Bayamo* nasce de uma cartografia queer. A cantora cubana que se tornou “a mulher que sempre desejou ser” (COUTINHO, p. 62), revela-se mulher trans e nessa mesma semiologia reside alguns

⁷ Em nosso resumo optamos por substituir o desvio pelo *caos* por entendermos que, na mesma linha, o caos enquanto território do pavor pudesse acender um outro lugar, aquele que o lugar do desconforto é posto em prova, o lugar da confrontação, de habitar o mesmo espaço.

⁸ Barthes definirá as substâncias como aquelas que, no modelo semiológico (significado x significante) se separa nesse nível. Contextualmente falando, pode-se pensar naqueles elementos externos que interferem (somatizando ou subtraindo).

demarcadores, tais como: (1) vestimenta; (2) cabelo; (3) movimentos lânguidos; (4) unhas pintadas; (5) modo de falar (COUTINHO, p. 71) dentre outros. Esses significantes remontam o que Barthes confirmou: “a natureza do significante sugere, de modo geral, as mesmas observações que a do significado: é um puro *relatum*, não se pode separar sua definição da do significado. A única diferença é que o significante é um mediador” (BARTHES, p.60). Talvez essa seja a proeza da cartunista, de coabitar na personagem-título a gênese da dualidade, a gênese do corpo *in transe – temporalidade do ser segundo Marilena Chauí*⁹, a composição maciça de que nos formamos.

Se nesse jogo proposto pela cartunista para *Muchacha*, uma reconfiguração promove a dispersão identitária de gênero do antagonista – ainda que composicional – explora-se aí o que Chauí atribui a potência secreta de que isto é isto e “*ao mesmo tempo aquilo*” (grifo meu). Nesse sentido, um personagem vilão do gênero masculino que é composto por um *ator* de nome *Djalma* (COUTINHO, p. 30) que faz *Milhafre* (percebe quantas camadas? É possível alguém ser uno? Não seria também essa reflexão heterotópica de Foucault?) apresenta-se nas primeiras páginas do livro, e, por sua vez, nesse jogo proposto entre o mocinho/herói *Capitão Tigre* versus vilão *Milhafre* dá vazão a justificada vingança por parte das personagens “esquecidas” na história dentro dela. É nesse platô barthiniano que o significante emerge na tentativa do criador/quadrinista recompor em outro platô a transposição de *Djalma* em *Muchacha*. A troca de gêneros, o câmbio não só parecem suplantar a barreira que envolve corpos travestilizados, como também propõe a liberdade de se fazer deles novas experiências, ainda que voltados para práticas (na narrativa) não tão éticas e/ou aceitáveis. Cambaya (o personagem produtor da história) não reconhece *Djalma* em *Muchacha* e o deseja, e nessas camadas, passa-se a ideia da fluidez da sexualidade, que nossos corpos servem para nos compor em quem desejar sermos. Não se trata mais de um antagonista que se traveste com intuito de vingança, parece ser uma transfiguração capitaneada pelo autor – e não poderia ser diferente para Laerte – em querer recuperar o lugar marginal presente na tragédia em que

⁹ Diferentemente da lógica do ser e do não-ser parmenidiana, como também da profusão indiferenciada do múltiplo, Clastres trata do amphi, do um e do outro juntos. A lógica ocidental não poderia compreendê-lo, pois sua maneira de pensar é a do dualismo e da separação, para a qual fora da identidade só há contrassenso, já que identidade e conceito reunidos constituem a evidência do verdadeiro. A sociedade primitiva tem outra lógica, a do múltiplo, contra a identificação e o Um. Nesse sentido, Clastres anota: “Nomear a unidade das coisas, nomear as coisas segundo sua unidade, é também lhes conferir o limite, o finito, o completo”. É descobrir **tragicamente** que este poder de designar o mundo e de determinar seus existentes não é senão a derrisão da verdadeira potência, da potência secreta que silenciosamente pode enunciar que isto é isto e *ao mesmo tempo aquilo*. (MATOS in BREGANTINI, 2020:23)

o autor resolve o destino do personagem Milhafre. E é nesse topos, nesse agente transfigurador que nasce *Muchacha*, tal qual persona mutante, mutável, revirando escombros dos mais sórdidos do desejo avassalador de Cambaya. A representação imagética – dos componentes pictóricos – utilizada por Laerte não poderia ser diferente em relação a *Muchacha*, que na travestilidade se impõe frente a narrativa de se valer visível.

1.3 – Rocky & Hudson – os caubóis gays de Adão Iturrusgarai

Dos dois quadrinistas aqui expostos, Adão Iturrusgarai desponta no que tange não somente ao tema LGBTQIA+, mas sobretudo por construir/elaborar semioticamente um casal nos quadrinhos que escapa completamente do espectro: homem x mulher e ainda, masculinidade x feminilidade. O extrato presente em sua obra contrasta a figura engessada – consolidada socialmente – do caubói macho/sexy/viril com a do caubói gay/sexy/efeminado/determinado (porque não se opõe a ser ativo – no seu sentido *lato*). Nesse combo de construção das personagens de *Rocky & Hudson* residem heterotopias de várias camadas nas quais parecem dicotômicas quando associadas a fragilidade e passividade comum ao espectro gay – segundo a heteronorma.

Publicado originalmente por Adão Iturrusgarai em 1987, os caubóis gays que inicialmente foram concebidos pelo autor como uma crítica a macheza do gaúcho, ganha outros ares na cultura popular brasileira tornando-se inclusive filme. Na linha de investigação desse trabalho, buscamos obter algumas respostas aos seguintes questionamentos: (1) O que teriam esses protagonistas (Rocky & Hudson) a nos dizer?; (2) Que elementos semióticos são explorados pelo quadrinista (nessa cartografia queer brasileira)?; (3) Qual o platô encontra-se a masculinidade configurada pelo autor?; (4) Zombaria ou ironia estariam por detrás das tirinhas?; (5) Como o autor propõe a narrativa e quais recursos (elementos semióticos) ele se apropria?

Naturalmente, Iturrusgarai pudesse nem ter a dimensão que passado mais de 30 anos desde a sua primeira concepção do trabalho, *Rocky & Hudson* pudessem hoje compor um seletor *hall* de histórias em quadrinhos de temática gay no Brasil, e ainda, compor uma cartografia queer na qual esses corpos (comportamentos desejados e desejantes¹⁰) implicados suspendem e destronam o status quo do comportamento do

¹⁰ Para citar Guacira Lopes Louro em *O Corpo Implicado – pedagogias da sexualidade* dentre tantos outros autores que trabalham com essa esfera de implicação de corpos que nos atravessam.

homem hetero virilizado comuns e representados em outros gibis (sobretudo os super-heróis da Marvel) pelo país. Sem sombra de dúvidas os corpos de Rocky & Hudson são potencializados ao desconstruírem essa pseudo representação de um único arquétipo masculino, em que o homem não desmunheca, não se maquia, não se ama ouvindo música romântica. A desconstrução moralizante dessa sociedade brasileira através da crítica apontada pelo autor como “uma zoação” ao arquétipo do *macho* gaúcho (de bombacha, pilcha e lenço amarrado ao pescoço) depõe a favor de outras potências nas quais o gênero feminino emerge e portanto, ainda que no comportamento efeminado dos coubóis, predispõe a antecipação de uma masculinidade desconstruída, fluida e libertária.

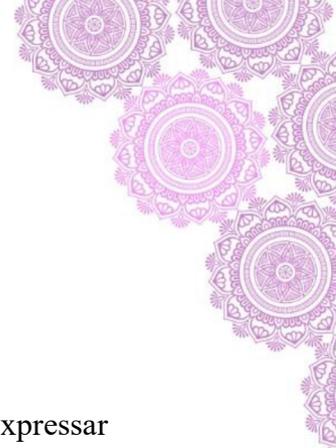
Rocky & Hudson, em qualquer topos das narrativas em quadrinhos de Iturrusgarai, se apresentam impecavelmente com unhas pintadas e duas pistolas na cintura. E não obstante, todos os acontecimentos que sucedem – há um emblemático do beijo gay – ocorrem numa real afirmação territorial de espaço, escuta e experiência que descortinam: vergonha, medo, temor e marginalidade. Eles são de fato o “acontecimento”, os “mocinhos gays” da *brasilian country history* e é nesse lugar que Iturrusgarai antecipa publicando em 1993 em grandes jornais de circulação nacional os quadrinhos dessa irreverente dupla. Na abertura do livro publicado em 2015 pela Editora Zarabatana, quase que um prefácio, o Coelhozinho de óculos diz “que bom que estão publicando olivro de Rocky e Hudson. Muita gente pensa que os da Montanha foram os primeiros cowboys gays. Não senhor. Muito antes de Jake e Heath” (...) existia Rocky e Hudson. Ironia do destino, sua obra não foi invisibilizada, uma vez que foi combustível por durante anos publicadas semanalmente pela Folha de SP e outros periódicos do país.

Há em Rocky & Hudson uma série de questões sobre comportamentos, desejos, estética gay, gostos, promovidas pelo cartunista Iturrusgarai, ainda que o autor em entrevista a UOL¹¹ em março de 2005, pudesse considerar seu projeto (prospecto) como algo só para “implicar um pouco com a macheza do povo gaúcho”, artifício esse que consolida a sua visão de um estereotipo gay de comportamento, onde rosa e unhas pintadas não podem faltar. Há também de se considerar que Adão Iturrusgarai tem uma trajetória no campo dos quadrinhos em questionar temas considerados tabus na sociedade brasileira; Aline, sua personagem-título de uma série de quadrinhos desponta também

¹¹ Entrevista de Adão Iturrusgarai a UOL - Disponível em <
<https://economia.uol.com.br/videos/index.amp.htm?id=entrevista-com-adao-iturrusgarai-04029C3266C0894366>>- sobretudo no tempo 8:41; UOL, 31/03/2005

como uma garota a frente do seu tempo, ou por assim dizer, do seu tempo, quando debate comportamentos de uma garota libertária, que transa, tem dois parceiros e nenhuma noia na cabeça com isso. Nessa direção, *Rocky & Hudson*, ainda que antecede *Aline*, é, sem sombra de dúvidas, seu sémen, sua ideia reveladora que talvez a arte (e nesse campo concordo plenamente) consegue conceber. Aline gosta de sexo, faz sexo e não têm nenhum complexo com isso. Numa estrutura patriarcal, o discurso de Aline é algo completamente visceral, aterrorizante, desconcertante, sobretudo por Aline ser mulher e a estas está desprovido uma série de comportamentos ligados a libertação sexual, para não serem “condenadas” ao rótulo de “raparigas”, “mulher fácil” e outros espectros alucinantes dessa visão míope heteronormativa.

Talvez no campo da semiologia (BARTHES) Adão Iturrugarai se valesse, podendo assim destituir corpos maculados (seja feminino ou masculino) de seus estereótipos prementes de uma sociedade ocidental-cristã na qual o Brasil se localiza. Assim, é natural que nessa *cartografia queer* Rocky & Hudson confrontasse o topos da masculinidade tóxica imposta aos homens como se eles não pudessem viver outras experiências (e não só dos desejos e prazeres) bem como, serem viris e sensíveis ao mesmo tempo. Qualquer que fosse a migração, esse câmbio entre feminino e masculino já causaria o terror numa sociedade em que chamar um colega de veado é uma gongação e/ou depreciação desse corpo despontencializado. Daí, a demonstração de uma feminilidade nas personagens-título (com gestos, figurinos, comportamentos que atravessam desejos, homoerotismo) ser potência, uma vez que corrobora com a equidade de gênero e valorização, por conseguinte, do comportamento que depõe contra essa masculinidade patriarcal, coercitiva e condenante de corpos “frágeis”. Não estaria os gays reféns desse sistema que tanto o oprimem ao se libertarem dessas amarras? Não seria convincente considerar que o quadrinista Iturrugarai venha propor um novo olhar frente aquilo que aprendemos – sistemicamente/ institucionalmente/ historicamente – na composição de um corpo masculinizado? Desconstruir não seria o caminho razoável? Parece que as respostas estão claras no livro “Rocky & Hudson – os caubóis gays” (2015).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há inúmeras maneiras de experimentar prazeres e desejos, de aprender a expressar afetos e isso está implicitamente ligadas a nossa formação cultural, às influências pelas quais vivenciamos e também experienciamos. Nesse pequeno estudo conseguimos obter algumas respostas às questões que atentam aos anseios contemporâneos, dentre as quais da potência das personagens *Bebê T*, *Muchacha* e *Rocky & Hudson* na composição de uma cartografia *queer* brasileira. Por um lado, a representação dessas personagens LGBTQIA+ – que não se configuram como coadjuvantes e sim, protagonistas – promovem uma cena topográfica no mundo dos quadrinhos nacional em que a diversidade sexual é valorizada, emancipando discussões acerca de orientação sexual, identidade de gênero e masculinidades. Por outro lado, os recursos semióticos utilizados pelos seus autores, dentre os quais uma cartunista trans e um quadrinista gay e outro hétero, contribuem para reforçar estereótipos sobre comportamentos ligados a desejos, homossexualidade e transexualidade. Mas isso não apaga a intenção desses quadrinistas de jogar luz a essa cena *queer* brasileira, a essas personagens, a essa composição marginalizada (estereótipos) e dizer “pra que veio”, que com a licença da palavra, nos fala *Jojo Toddynho* em sua icônica melodia “*Que tiro foi esse que tá um arraso*”, sugerindo um *approach*, uma envergadura crível dessas composições nos quadrinhos.

Nesse platô concordamos que é inegável as contribuições dessas séries: *Rocky & Hudson* de Adão Iturrugarai, *Muchacha* de Laerte Coutinho e *Bebê T* do coletivo Pássaros Rebeldes de Tomás. Substancialmente, os dois primeiros representam um alcance maior na mídia nacional, sobretudo por ter quadrinhos publicados em grandes veículos de comunicação, mas em nada desvalida as contribuições das ilustrações de Tomás via blog nessa cartografia *queer* brasileira das últimas três décadas.

Nesta investigação, foi possível confirmar que há hoje no mercado uma série de personagens LGBTQIA+ em quadrinhos nacionais, inclusive no *Turma da Mônica Jovem* do conceituado quadrinista Mauricio de Souza. É inegável pensar que – enquanto sociedade – a representação de personagens da comunidade LGBTQIA+ nessas plataformas (gênero *cartoon*) contribuem para disseminação e estreitamento desses lugares que também ocupamos na sociedade, firmando a heterotopia foucaultiana. E ainda, independente da orientação sexual ou identidade de gênero dos cartunistas que nos

apresentou essas histórias, por si só, essas personagens contribuem diretamente para uma visão mais amplificada da sociedade diversa na qual nos inserimos. Por fim, acreditamos que essas bases são necessárias para nos autoconhecermos e também, falar, representar a cultura de um povo (ainda que seja uma parcela pequena). Enquanto arte, esse papel de quem compõe, constrói essas personagens é fundamental para o princípio de equidade, valorização da diferença e sobretudo, humanidade. Notadamente, temos aqui um documento (registro pictórico desses quadrinhos) que atesta a predisposição desses autores em promover a diversidade humana, cultural e não se limitar ao cumprimento banal de reprodução de *scripts* consagrados em seu próprio *métier* do quadrinismo brasileiro, aventurando-se em uma escuta ativa de outras vozes que colorem nossa sociedade.

Portanto, *Bebê T*, *Muchacha* e *Rocky & Hudson* são três de vários caminhos possíveis que o quadrinismo no Brasil tem percorrido ao longo de décadas no que tange a promoção dos Direitos Humanos, sobretudo das pessoas LGBTQIA+. Essas histórias não se fecham na heterotopia dos quadrinhos, expandem-se na comunicação verbal e não verbal de uma semiótica compromissada em visibilizar temas ainda tão caros para a nossa sociedade excludente, moralista e apática frente aos desafios emancipadores que estão por vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Laerte. **Muchacha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, As Heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **O Corpo Implicado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ITURRUSGARAI, Adão. **Rocky & Hudson: os caubóis gays**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015.

_____. **Aline e seus dois namorados**. Porto Alegre: L&P, 2011.

MATOS, Olgária in BREGANTINI (Org). **Marilena Chauí: pensamento, afetos e análise da obra.** São Paulo: Cult, 2020.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer – um aprendizado pelas diferenças.** 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado violência.** 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim.** Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 2017.

TOMÁS, **Bebê T.** Disponível em < <https://passarosrebeldes.wordpress.com/> > consulta realizada em 03/10/21.